

Comendo a Galinha de Ovos de Ouro

Categories : [Fabio Olmos](#)

Sou um entre milhões de ecoturistas que são atraídos primariamente pela vida selvagem. Somos um grupo heterogêneo que inclui observadores de aves que querem adicionar a espécie de número 9 mil à sua “life-list”, fotógrafos com pretensões mais ou menos profissionais e todos aqueles que querem ver ao vivo o que faz boa parte da programação do Discovery Channel. Ter aquela sensação de descoberta que, se eu pudesse engarrafar, me faria milionário.

Este não é o tipo de ecoturista habitual no Brasil. Aqui, ecoturismo quase sempre acaba em cachoeira, topo de morro ou praia. Há poucos lugares onde a vida selvagem é o maior atrativo. O Pantanal certamente é o principal destino de quem quer ver bicho. Os parques nacionais de Emas e Bonito também, com a ênfase na fauna aquática do último. Os pontos onde baleias jubartes e francas se concentram, em Abrolhos e Santa Catarina, podem ser incluídos nessa categoria.

Eu poderia acrescentar vários destinos habituais que atraem observadores de aves, como Itatiaia, Iguaçu e a Serra da Canastra, mas, realisticamente, o que atrai o grosso dos visitantes a esses lugares é cachoeira. Ou o visual do alto de uma serra. Os bichos são coadjuvantes, em geral como acessórios dos jardins de hotéis e pousadas, como podemos ver em Itatiaia ou Foz do Iguaçu.

Essa situação é o oposto do que ocorre em países que têm no turismo o ponto forte de sua economia, como África do Sul, Botsuana, Tanzânia e Quênia. Cachoeiras, praias e mesmo a beleza e cultura dos povos locais estão bem abaixo na lista do que atrai turistas. A fauna selvagem, tanto os grandes animais da savana africana como a espetacular fauna marinha (tubarões-brancos na África do Sul, recifes de coral na Tanzânia e no Quênia), é que sustenta boa parte da economia.

Bom exemplo

Cheguei há pouco das ilhas Falklands e descobri que naquele arquipélago de 2.400 habitantes (quase o mesmo que a entupida Fernando de Noronha) o turismo é a indústria que mais cresce. Mais que a pesca e certamente muito mais que a centenária, mas estagnada, ovinocultura. Turismo nas Falklands significa 30 mil pessoas chegando em navios de cruzeiro ou por avião ao longo de quatro meses para ver colônias de albatrozes, pingüins, biguás e elefantes marinhos, entre outros. Não há cachoeiras e as praias têm águas frias demais. Propriedades que se dedicavam a criar ovelhas estão derrubando suas cercas enquanto seus donos se tornam empresários de pingüins.

As Falklands têm um passado negro com relação à fauna. Mais de meio milhão de pingüins foram mortos e fervidos para extrair seu óleo. O único mamífero terrestre nativo, a raposa warrah, foi

extinto. É uma revolução que o mesmo pingüim que só servia como fonte de óleo hoje tenha mais valor vivo como atração turística. [E que a indústria pesqueira seja controlada para permitir que as populações de aves marinhas se recuperem.](#)

Das cinco espécies de pingüins que nidificam nas Falklands, minha favorita é o *rockhopper*. Por alguma razão essa espécie estabelece suas colônias próximas a falésias e precipícios que despencam no mar, o que faz as aves terem que saltar de rocha em rocha (daí o nome) para descer ao mar e para retornar aos ninhos. Os pingüins não se abalam com o perigo nem com a distância. Um dos espetáculos mais impressionantes é o retorno dos pingüins vencendo ondas enormes que os martelam contra as rochas até se agarrar e escalar paredão acima. Se Nietzsche conhecesse os *rockhoppers*, eles seriam o modelo de seu super-homem.

Na panela

* Fábio Olmos é biólogo e doutor em zoologia. [Tem um pendor pela ornitologia e gosto pela relação entre ecologia, economia e antropologia. Embora sempre tenha as aves na cabeça, dizem que não tem miolo de passarinho. Atua como consultor ambiental para a iniciativa privada, governos e ongs, e tem um gosto incurável por discutir políticas ambientais e viajar pelo mundo para ver bichos e a gestão de recursos naturais.](#)